



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

FRANCISCO CUNHA RODRIGUES

**BOI DE REIS: HISTÓRIA, CULTURA E RESISTÊNCIA NA CIDADE DE
DONA INÉS/PB**

**GUARABIRA/PB
2019**

FRANCISCO CUNHA RODRIGUES

**BOI DE REIS: HISTÓRIA, CULTURA E RESISTÊNCIA NA CIDADE DE
DONA INÊS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC/Monografia) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do Título de Licenciado em História, sob orientação do Professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

**GUARABIRA-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696b Rodrigues, Francisco Cunha.
Boi de reis [manuscrito] : história, cultura e resistência na cidade de Dona Inês / Francisco Cunha Rodrigues. - 2019.
50 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. História. 2. Cultura. 3. Boi de Reis. I. Título
21. ed. CDD 981.33

FRANCISCO CUNHA RODRIGUES

**BOI DE REIS: HISTÓRIA, CULTURA E RESISTÊNCIA NA CIDADE DE
DONA INÊS/PB**

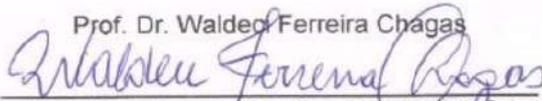
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC/Monografia)
apresentado a Coordenação do Curso de História, da
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Campus
Guarabira em cumprimento as exigências para obtenção
do Título de Licenciado em História.

Linha de Pesquisa: História e Estudos Culturais

Aprovada em 04/06/2019

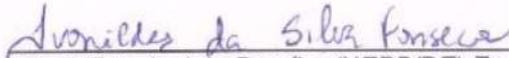
BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Waldec Ferreira Chagas



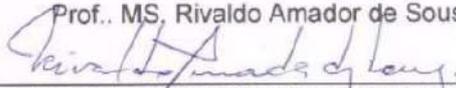
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH) Orientador

Prof.^a Dr.^a Ivonildes da Silva Fonseca



Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE) Examinadora

Prof.^o MS. Rivaldo Amador de Sousa



Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH) Examinador

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, criador de todas as coisas, meu pastor. Por me conceder a vida, e a capacidade de aprender e ensinar. Por conceder aos homens a história, a ciência e o discernimento para vos reconhecer como o dono de toda a sabedoria. Pela vida dos meus pais, familiares e amigos, que juntos contribuíram para que eu pudesse chegar até este momento, por sempre creditarem em mim, apesar de todas as minhas imperfeições;

Aos meus pais, Maria Lúcia Cunha da Silva e Geraldo Magela Rodrigues dos Santos. Por terem me educado com amor, no caminho do bem. Por terem trabalhado incansavelmente na agricultura para que não me faltasse o necessário;

Ao meu irmão Heleno Cunha Rodrigues por sempre estar ao meu lado torcendo pelas minhas conquistas;

A minha filha Francielly Victória Pereira Rodrigues, que com sua inocência de quatro anos tem sido minha grande motivação de buscar a realização profissional, sendo estes os grandes responsáveis por todas as minhas conquistas;

Aos meus professores/as do ensino fundamental e médio, os quais sempre me acompanharam nessa longa jornada de aprendizado. Por acreditarem no meu potencial, por me educarem quando necessário, por instigarem o meu melhor e por facilitarem esse processo em busca do conhecimento;

Aos meus professores/as da UEPB, por me incentivarem a seguir sempre em busca do conhecimento. Por se dedicarem no exercício do ensino e aprendizagem ao longo dos anos acadêmicos, e dividirem comigo seus conhecimentos;

Ao Professor Waldeci Ferreira Chagas por me orientar neste trabalho de pesquisa, me fazendo gostar muito mais da manifestação cultural Boi de Reis;

Aos amigos de turma que durante a vida universitária estiveram presentes compartilhando e enfrentando os mesmos desafios de trabalhar durante o dia e estudar à noite, também pela alegria dessa vitória que juntos alcançamos;

A todos os que colaboraram, de forma direta ou indireta, para que este sonho fosse possível, minha gratidão.

Aos meus pais, Maria Lúcia Cunha da Silva e Geraldo Magela Rodrigues dos Santos, ao meu irmão Heleno Cunha Rodrigues, a minha filha Francielly Victória Pereira Rodrigues, estes que são meu porto seguro, minhas fontes de aprendizado e conhecimento na vida. **Dedico.**

RESUMO

O presente trabalho analisa e conta a história da manifestação do Boi de Reis na cidade de Dona Inês-PB, no Sítio Caiçara. "O Boi de Reis da Caiçara", como é conhecido surgiu por volta dos anos 1930, e desde então os brincantes que o compõem mantêm a tradição de mesclar elementos da cultura europeia, africana e indígena incorporados à vivência do nordeste e por isso, é rica em plasticidades e simbologias. Neste trabalho trazemos a dinâmica da "morte e ressurreição do boi", narrativa vivenciada pelos brincantes quando da realização das apresentações do grupo. Essa narrativa nos foi contada por três integrantes do grupo: o Contra Mestre o Senhor João "Homem", o Galante Vítor Mateus o Sanfoneiro Zé Paulo. Através de "entrevistas" ou de conversas descontraídas revisitaram suas memórias e trouxeram à tona fragmentos que nos possibilitaram conhecê-la. Como se trata de uma manifestação cultural dialogamos com estudiosos/as da cultura, a exemplo de Arantes (2004), Bosi (1986), Laraia (2009), Hall (2009) entre outros e discutimos os conceitos inerentes a cultura. No percurso que fazemos não enquadramos o "Boi da Caiçara", no que comumente é classificado de cultura popular, mas a luz desses autores/as buscamos compreendê-lo como uma manifestação inerente ao humano, ou seja, decorrente da capacidade dos/as moradores/as do Sítio Caiçara de produzir cultura nesse espaço, no diálogo com outros; razão porque recorremos a Ginzburg (1987). Conforme os integrantes com quem dialogamos afirmaram, quando eles dançam o boi, brincam, se divertem e divertem aos outros, isso quebra a rotina da lógica produtivista do capital, e humaniza a vida na comunidade. Essa característica, associada ao fato dos componentes do grupo pertencerem em sua maioria ao mesmo núcleo familiar (irmãos, primos e tios) explica a longa existência do grupo.

Palavras chave: História, Cultura, Boi de Reis e Resistência.

ABSTRACT:

The present work analyzes and tells the history of the manifestation of the Boi de Reis in the city of Dona Inês-PB, Sítio Caiçara. "O Boi de Reis da Caiçara", as it is known, came about in the 1930s, and since then its members have maintained the tradition of merging elements of European, African and indigenous culture incorporated into the experience of the Northeast is a rich in plasticity and symbology. In this work we bring the dynamics of the "death and resurrection of the ox", narrative experienced by the participants when performing the group presentations. This narrative was told to us by three members of the group: the foreman João "homem", the gallant Vitor Mateus the accordionist Zé Paulo, who through "interviews" or relaxed conversations revisited their memories and brought to the surface fragments that enabled us to know. As it is a cultural manifestation, we talk with scholars of culture, such as Arantes (2004), Bosi (1986), Laraia (2009), Hall (2009) and others, and discuss the concepts inherent in culture. In the course we do not fit the "Boi da Caiçara", in what is commonly classified as popular culture, but in the light of these authors we seek to understand it as an inherent manifestation of the human, that is, due to the capacity of the inhabitants of the Sítio Caiçara had to produce culture in this space, but in dialogue with others; reason why we refer to Ginzburg (1987). According to the members with whom we talk, they affirm, when they dance the ox, they play, they amuse themselves and they amuse to the others, this breaks the routine of the productivist logic of the capital, and humanizes the life in the community. This characteristic, associated to the fact that the components of the group belong in the majority of the same family nucleus (brothers, cousins and uncles) explaining the long existence of the group.

Key word: History, Culture, Boi de Reis, Resistance

LISTAS

Lista de Figuras

Figura 01 - Localização Geográfica da Cidade de Dona Inês/PB	30
Figura 02 – Zé Paulo tocando sanfona.....	36
Figura 03 – O Mestre do Boi de Reis.....	37
Figura 04 – A Catirina	38
Figura 05 – Músicos, Mateus e Galantes	39
Figura 06 – Chegada e encenação do Boi de Reis	43

Lista de Siglas

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ACS	Agente Comunitário de saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CAPÍTULO I: CULTURA, UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO.....	13
2.1 Cultura Popular e Cultura Erudita.....	16
2.2 Cultura de Massa.....	23
2.3 O Parafolclore.....	25
3 CAPÍTULO II: A MANIFESTAÇÃO DO BOI DE REIS: ORIGEM E DIFUSÃO.....	27
3.1 METODOLOGIA	30
3.2 A Cidade de Dona Inês – PB e suas Manifestações Culturais.....	31
3.3 O Boi de Reis do Sítio Caiçara.....	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE.....	51

INTRODUÇÃO

Sabemos que não existe um conceito definido que explique a cultura na sua totalidade, no entanto, esta, se apresenta com vários conceitos distintos ou semelhantes, defendido por diversos estudiosos, seja no campo da antropologia cultural, das ciências humanas, da história, entre outros. Entre eles o conceito de cultura popular. Um grande número de autores pensa a “cultura popular” como “folclore”, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções, sobretudo, religiosas e estáticas consideradas “tradicionais” (ARANTES, 2004, p.16).

O Boi de Reis é uma manifestação que tem sua origem no teatro medieval europeu, e assim, como outras manifestações existentes em nosso país, faz parte das nossas tradições, manifestações e da cultura brasileira, tendo sua representatividade em várias festividades nos estados do norte e nordeste.

Nos anos 1930 esta manifestação aportou na cidade de Dona Inês – PB, e desde então resiste em meio às mudanças socioculturais da região, a tecnologia e ao esquecimento dos órgãos governamentais, sobretudo, os responsáveis pela gestão da cultura. Por isso, é necessário estudá-lo para melhor compreendermos o que motiva a permanência do grupo em meio ao anonimato em pleno século XXI, considerado por muitos de a “era digital”.

Através do depoimento oral do Contra Mestre João “homem, do Galante Vitor Mateus e do Sanfoneiro Zé Paulo” objetivamos compreender como se deu a origem do Boi de Reis na cidade de Dona Inês – PB (Sitio Caiçara), e a importância dessa manifestação para essa comunidade.

A escolha do tema deu-se devido à proximidade que tenho com a manifestação cultural do Boi de Reis, pois vivencio, ou seja, faço parte de um grupo há mais de dez anos. A experiência de ser músico instrumentista de grupos para folclóricos de “cultura popular”, em especial da Companhia de Dança e Cultura Macambiras e do Balé Popular Terras Potiguares, ambos da cidade de Passa e Fica – RN, motivando a narrar à história do Boi de Caiçara.

A partir da vivência nos grupos para folclóricos senti a necessidade de mostrar a riqueza cultural que representa o Boi de Reis para a cidade de Dona Inês-PB, grupo considerado de raiz, pois não se caracteriza como para

folclórico, uma vez que nas apresentações mantém as práticas e elementos da vida cotidiana dos brincantes. Assim, este trabalho é um registro de valorização e reconhecimento da importância do Boi de Caiçara para a cultura brasileira, pois é feito por trabalhadores rurais que vivem à margem da sociedade, mas não perderam a alegria de brincar, sorrir, se divertir e divertir outras pessoas.

Para melhor compreensão da discussão que trazemos este trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo trazemos a discussão inerente aos diversos conceitos de cultura onde dialogamos com autores/as que criticam o conceito rotulado de Cultura Popular, discorrendo sobre a ideia de que a cultura é resultado de uma transgressão de valores humanos, e portanto ele circula entre grupos humanos de diferentes classes sociais. O segundo Capítulo apresenta a manifestação do Boi de Reis, sua história, representatividade, enredo e o lócus da pesquisa que resultou neste trabalho, como também as discussões acerca desta manifestação e a desconstrução do rótulo de manifestação da cultura popular. Finalizamos apontando algumas questões que expliquem a longevidade do Boi de Reis da Caiçara.

Capítulo I

Cultura, um Conceito Antropológico

Afinal o que é cultura? Neste trabalho discutimos o conceito de cultura a partir das formulações de diversos estudiosos entre eles, antropólogos, filósofos e historiadores. Sem querer fechar a discussão, uma vez que a cultura está diretamente associada ao fazer humano, visto ser tão antigo quanto à existência da humanidade. Por isso, é um tema que está em evidencia, pois está ligado diretamente ao comportamento humano. Um dos fatores que difere o ser humano dos outros seres vivos é a comunicação racional, sem a comunicação não existe cultura, pois todos os seres humanos produzem-na, e este é um dos fatores que diferencia o humano dos demais seres vivos, e assim como também a capacidade de repassar o aprendizado para o próximo.

Há 400 anos (a.c), Confúcio enunciou que “a natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantem separados”. Para podemos entender melhor esta frase basta lembrar-nos dos diversos costumes que os homens têm em diferentes regiões do mundo. Acerca dessa questão Laraia (2009) ao recorrer às formulações de Heródoto mostra alguns destes costumes, quando este filósofo afirma que,

Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhe parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo os seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores do que os dos outros (HERÓDOTO, apud LARAIA, 2009, p.11).

O ser humano sempre busca desenvolver o que lhe parece melhor segundo seus próprios conhecimentos, este sempre se convence de que suas práticas e formas de aprendizado estão além dos costumes e práticas dos demais.

Por muito tempo parte da sociedade chegou a acreditar que o determinismo biológico, assim como o determinismo geográfico eram responsáveis pela formação intelectual dos seres humanos, estes conceitos geraram inúmeras discussões ao longo do tempo, e se criou diversos termos pejorativos para definir a personalidade humana. Alguns destes termos com certeza você já ouviu falar, como o fato do nordestino ser menos inteligente

que o paulista, que o povo brasileiro herdou a preguiça dos índios e negros, que os japoneses são os povos mais inteligentes do mundo, que os ciganos são nômades por instinto, entre outros (LARAIA, 2009, p, 17). Os antropólogos estudaram bastantes sobre tais conceitos e estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes para as diferenças culturais. Recorrendo a Felix Keesing, este pesquisador corrobora com a ideia de que:

Não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado (KEESING apud LARAIA, 2009, p17).

Todo ser humano possui a capacidade natural de desenvolver habilidades diversas segundo suas vivências em meio a diferentes grupos sociais. A criança que nasce em um bairro pobre da periferia se colocada desde os primeiros anos de vida em uma casa de família nobre "rica", crescerá aprendendo os costumes daquela família, os comportamentos, costumes e hábitos praticados neste espaço lhe serão comum, e isso se deve a sua convivência, e a prática cotidiana. O contato com o saber e o fazer das pessoas a sua volta lhe fará desenvolver a forma mais adequada para conviver no ambiente a sua volta, logo, se considerar o fator genético como definidor de conhecimento, isto não seria possível acontecer, tomando como base a diferença social e econômica que existe entre a periferia e os bairros nobres.

O determinismo geográfico também não consegue em sua totalidade explicar a diversidade cultural, pois existem povos que vivem em uma mesma região, em um mesmo clima, e que tem costumes diferentes e comportamentos diferentes, assim o meio em que os sujeitos nascem não influencia diretamente na construção da sua personalidade (LARAIA, 2009). Sobre essa questão antropólogos como Boas, Wissler Kroeber, entre outros,

Nos anos 1920 refutaram este tipo de determinismo, segundo eles é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico. Logo

ambos os conceitos não são definidores de cultura, não são definidores da inteligência nem muito menos de pensamentos, assim não explicam o determinismo cultural (LARAIA, 2009, p.21).

Em meio à discussão formulada pelos estudiosos acerca do determinismo geográfico e biológico na definição de cultura, foi Edward Tylor o responsável por definir pela primeira vez o conceito de cultura, pelo menos no segmento ideológico que utilizamos atualmente, ele na verdade formalizou uma ideia que vinha crescendo na mente humana, com base no conceito que já vinha sendo debatido pelos iluministas anteriormente (LARAIA, 2009, p.25).

Não é demais lembrar que Heródoto considerado o “pai da história”, já falava sobre cultura na Grécia Antiga. Muitos historiadores, pesquisadores, antropólogos e cientistas também se dedicaram a estudar a construção do conceito de cultura ao longo da história.

Para entender o desenvolvimento do conceito de cultura é preciso compreender que, não se tem um conceito pré-definido de cultura, toda cultura é desenvolvida com base nas relações dos seres humanos, uns com os outros, neste processo também se analisa as condições sociais, políticas, econômicas e culturais que fazem parte do meio em que os sujeitos vivem, proporcionando um estudo sobre o relativismo cultural presente no conceito moderno da cultura.

A cultura é vista pelos olhos humanos, e cada ser tem sua própria maneira de ver e interpretar os acontecimentos a sua volta, todos possuem uma maneira própria de se comunicar. Existe diversos modos de ver o mundo, cada pessoa ver o mundo de uma forma diferente. Na perspectiva do etnocentrismo cultura é o que conhecemos, o que estamos acostumados a fazer, produzir, assim é entender que todos os indivíduos participam de maneira diferente da sua sociedade, o que o faz colaborar efetivamente com a pluralidade cultural. O diferente precisa ser observado com o olhar de respeito, e não como uma coisa tosca, menor, inferior desfavorecida de qualidade. Não se faz necessário um julgamento do que se pode aceitar ou não como cultura no cotidiano, se faz mandatório aprender a conviver com o diferente, com o conhecimento produzido pelo outro.

Para além dessas discussões podemos afirmar que o ser humano é o único produtor de cultura, na humanidade homens e mulheres são os responsáveis por toda forma de produzir cultura. Segundo a natureza humana não existe pessoas sem cultura, só existe cultura por que homens e mulheres produzem-na.

2.1 Cultura Popular e Cultura Erudita

O diálogo com pesquisadores/as nos possibilitou o acesso aos diversos conceitos de cultura, e entre o desdobramento desses é pertinente o termo "cultura popular". No entanto, nenhum dos estudiosos citados até o momento discute acerca deste termo. Por qual motivo o termo "cultura popular" não está presente nas discussões dos pesquisadores/as com quem dialogamos? Seria o fato de eles, mesmo antropólogos culturais não se dedicarem aos estudos da cultura em sua divisão econômica e social e a relação com o capitalismo? Ou seria para a antropologia mais importante estudar a cultura como produção do conhecimento humano, e não a divisão destes conhecimentos segundo os conceitos diversos apresentados pelos grupos presentes na sociedade?

O motor principal da cultura é a produção do conhecimento e do saber aprendido e compartilhado entre os diversos grupos humanos, estes grupos se dividem e produzem o que chamamos de diversidade cultural, maneiras diferentes de produzir, aprender e ensinar conhecimentos, que refletem diretamente na forma como cada ser ou grupo vê o mundo a sua volta, e assim, influencia inteiramente na forma de cada grupo viver.

Nesse sentido o termo "cultura popular" está ligado diretamente ao sistema capitalista, ou seja, as divisões de classes por hierarquia econômica e poder. Dessa hierarquização surgiram a forma de ver a produção de conhecimento e/ou atividades classificadas pelas elites e pelas classes consideradas subalternas "pobres". Por isso, se faz necessária uma boa discussão entre o popular e o erudito para melhor entendermos sobre os fatores e as características que as diferenciam, e as aproximam em determinados momentos, como também suas particularidades.

Tem como uma de suas características o ensino e aprendizado por meio da academia, onde as pessoas dependem de um sistema formal de ensino e aprendizagem para aprenderem um determinado tipo de conhecimento, precisam se deslocar até as escolas e academias para aprender. Quase sempre o aprendizado sobre essa cultura ocorre de forma separada da sociedade, em geral por meio de muros e paredes. Por isso, a cultura erudita se reproduz de forma específica, seguindo um composto de regras, é pensada para uma determinada classe social, considerada “elite”, fazem parte da elite, pessoas de poder aquisitivo e econômico elevado “alto”. São do universo da cultura erudita, atividades como o balé, a ópera e as orquestras sinfônicas, pois para se aprender um destes seguimentos culturais é preciso se matricular em uma academia ou em uma escola de dança e música, seguir normas e conceitos que predominam caracteristicamente nesta cultura. O erudito está presente nas orquestras sinfônicas cheias de sofisticações com instrumentos musicais de valores elevados, tendo sua música clássica como primordial na cultura, está também no balé recheado de luxo, representado na postura fina e elegante dos dançarinos, nos palcos e tabladros de madeiras onde se apresentam.

Deste modo a cultura erudita transita em um espaço específico, e exige um padrão sofisticado de vida daqueles que dela participa, se tratando economicamente, sendo esta quase que inacessível as pessoas das classes assalariadas, trabalhadores, as classes “pobres”.

A diferenciação das condições materiais de existência no interior de uma sociedade, entretanto, propicia a formação de subgrupos especializados e acarreta a produção dos conteúdos culturais constitutivos da especificidade de cada um deles, frente aos demais (ARANTES, 2004, p.42).

De acordo com Arantes (2004) os diversos elementos físicos, econômicos e sociais que constituem a cultura erudita não estão presentes na cultura popular. O espaço habitado pelas classes se apresenta de maneiras diferentes e contribuem para diferenciar a cultura erudita da produzida pelas classes trabalhadoras da “cultura popular”, esta que não busca em sua essência alto nível de perfeição, também não se preocupa com conceito de

sofisticação, beleza ou charme social, pois se desenvolve de maneira gradativa e natural no cotidiano das comunidades, não precisa de um centro acadêmico, nem de um especialista da academia para a realização do ensino e aprendizagem, o ensino e aprendizagem se dá pelo contato direto entre as pessoas e os diversos grupos que circulam em meio à comunidade.

Por não comportar em sua essência os padrões adotados pelas elites, a “cultura popular” tem sido ao longo do tempo uma forma de resistência aos diversos padrões criados para diferenciar a produção cultural das elites, da produção cultural dos/as trabalhadores/as das classes assalariadas “pobres”.

Obrigatoriamente essa denominação “cultura popular” não significa dizer que esta seja uma cultura menor, inferior ou desprovida de qualidade, as manifestações populares se caracterizam como uma cultura que se diferencia da cultura erudita por diversos fatores, entre eles a proximidade entre a arte e o artista que a produz, pois é comum ver as bandas de pífanos em meio às multidões, os trios de forró pé de serra nos terreiros das fazendas, os diversos grupos de dança de rua em meio as avenidas. São culturas que circulam, produzidas pelas classes trabalhadoras, e/ou classe pobre das comunidades. Por isso, Arantes afirma.

A assim chamada arte do povo é caracterizada sempre pela negativa, por algum tipo de falha: ela é vista como “desprovida de qualidade artística”, como “tentativa tosca e desejada de exprimir fatos triviais”, é “ingênua”, “retardatária”, etc. (ARANTES, 2004, p.53).

A todo tempo se fala de cultura, e produção cultural, uma atividade humana. Segundo Brandão (2008, p. 6), sobre cultura, afirma que cultura é tudo aquilo que os seres humanos acrescentam a natureza de que nós somos parte e de que partilhamos. Pois nós seres humanos, somos seres naturais... Mas somos naturalmente humanos, vivemos a cada momento de nossas vidas a experiência desta dupla morada, vivemos num mundo natural que está em nós e ao nosso redor, a cultura é, esta, transita e se transforma naquilo em que os seres humanos fazem com eles próprios.

A cultura está presente nas manifestações populares brasileiras e faz parte do cotidiano, caracterizado pelas expressões do modo de agir, pensar e

sentir dos diversos grupos sociais, e das pessoas que reproduzem sua vida em forma de cultura.

Logo, falar das manifestações culturais brasileiras é um tema extenso e desafiador, a começar pela forma como as produções e manifestações culturais se desenvolvem. Elas são diversas, pois se desenvolvem de acordo com cada região, por isso, é preciso entender que cada ser humano possui sua própria maneira de produzir conhecimento, o mesmo não se produz de maneira uniforme, esse perpassa de uma geração a outra, é assim que a cultura e as manifestações se mantem vivas ao longo do tempo, e em meio ao contato entre gerações ocorre o que chamamos muitas vezes de choque cultural entre o velho e novo conhecimento produzido (ARANTES, 2004).

Não querendo concluir a discussão entre o conceito de cultura erudita e cultura popular, uma vez que esse diálogo é sempre possível e mesmo que fechemos, continua em aberto. No entanto, é possível considerar que ambas manifestações possuem um conjunto de elementos tradicionais presentes em uma sociedade, em suas regiões, assim, estes são produzidos de maneira aleatória e/ou organizados.

Com base nesta afirmação a palavra cultura, quando levada em consideração alguns conceitos se caracteriza pela pratica constante e de forma ativa, através das diferentes manifestações como a dança, teatro, arte, literatura, folclore, gastronomia, música, etc. Uma citação que sem dúvida contribui para esta discussão é a seguinte:

A cultura Popular estar longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pela Antropologia Social, disciplina que tem dedicado particular atenção ao estudo da "cultura". Buarque de Holanda em seu pequeno dicionário Brasileiro da língua portuguesa registra que a palavra "cultura", em seu uso corrente, significa "saber, estudo, elegância esmero"; ela evoca os domínios da filosofia, das ciências e das belas-artes (ARANTES, 2004, p.9).

Com base na afirmação de Arantes (2004) o termo cultura popular está no campo das possibilidades, sobretudo, porque dele faz parte uma variedade de elementos da ação humana.

Embora neste trabalho discutimos os conceitos de cultura erudita, cultura popular e cultura de massa como campos distintos, há quem não os

considerem assim, mas entrelaçados. Ainda que as manifestações delas decorrentes sejam produzidas em condições e espaços diferentes, não se separam. A cultura habita em meio a todas as classes sociais.

Ainda hoje a cultura das classes subalternas é (e, muito mais se pensarmos nos séculos passados) predominantemente oral. Historiadores precisam se servir de fontes escritas, estas (eventualmente arqueológicas), de autoria de indivíduos ligados a cultura dominante. O conhecimento produzido no passado nos chega atualmente após terem passado por um processo de filtragem que nos desencoraja, antecipadamente as tentativas de pesquisas nesta direção (GINZBURG, 1987, p13).

Acerca desta citação, Ginzburg faz uma ressalva importante sobre a cultura produzida pelas classes populares, e a cultura imposta às massas populares. Portanto, temos, por um lado dicotomia cultural, mas, por outro, circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica, particularmente intensa na primeira metade do século XVI (GINZBURG, 1987, pp.14-15).

Assim os conceitos de “cultura popular” se apresentam em sua totalidade ambígua, não explicam ao certo o que é esta cultura, todos os estudiosos trazem concepções importantes para se pensar a partir das manifestações populares uma melhor denominação segundo cada grupo em cada região do mundo. Para uma melhor reflexão podemos ler e refletir o parágrafo a seguir.

As classes subalternas das sociedades pré-industriais é atribuída ora uma passiva adequação aos subprodutos culturais distribuídos com generosidade pelas classes dominantes (Mandrour), ora uma tácita proposta de valores, ao menos em parte autônomos em relação a cultura dessas classes (Bolléme), ora um estranhamento absoluto que se coloca até mesmo para além, ou melhor, para aquém da cultura, (Foucault). É bem mais frutífera a hipótese formulada por Bakhtin de uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante. Mais precisar os modos e os tempos dessa influência (Jacques Le Goff começou bem esse trabalho obtendo ótimos resultados) significa enfrentar o problema posto pela documentação, que no caso da cultura popular é como já dissemos quase sempre indireta. (GINZBURG, 1987, p18).

Essas considerações de Ginzburg (1987) são pertinentes à compreensão do tema de discussão do nosso trabalho porque para este estudioso, ambas as manifestações culturais não se separam, uma vez que os elementos de uma circulam no universo da outra. Assim defende a tese de que o popular e o erudito se comunicam e não existem separadamente, e constrói o conceito de circularidade entre as culturas.

Não se pode então discutir sobre “cultura popular” sem fazer ponderações pertinentes sobre as relações existentes entre as classes trabalhadoras, as indústrias e o capitalismo. No decorrer da longa transição do capitalismo agrário e, mais tarde, na formação e no desenvolvimento do capitalismo industrial, houve uma luta mais ou menos contínua em torno da cultura dos trabalhadores, das classes trabalhadoras e dos pobres. Ponto de partida para qualquer estudo, tanto na base da cultura popular quanto de suas transformações, segundo (HALL, 2009, p.231).

As mudanças no equilíbrio e nas relações das forças sociais ao longo dessa história se revelam, frequentemente, nas lutas em torno da cultura, tradições e formas de vidas das classes populares. O capital tinha interesse na cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em torno do capital exigia um processo mais ou menos contínuo, mesmo que intermitente, de redução no sentido mais amplo. E a tradição popular constituía um dos principais locais de resistência as maneiras pelas quais a “reforma” do povo era buscada. É por isso que a cultura popular tem sido há tanto tempo associada às questões de tradição de das formas tradicionais de vida – e o motivo por que seu “tradicionalismo” tem sido tão frequentemente mal interpretado como produto de impulso meramente conservador, retrógrado e anacrônico. (HALL, 2009, pp.231-232).

A “cultura Popular” das classes trabalhadoras atua em seu sentido maior como forma de resistência a um modelo de sociedade padrão impostas a estas classes por meio do processo de ruptura dos costumes e tradições comuns as suas comunidades, pois o que está ocorrendo ao longo do tempo é a rápida destruição de estilos específicos de vida e a sua transformação em algo novo. Assim, seguimos a discussão em torno de Hall, (2009) quando afirma que, a cultura popular não é num sentido “puro” nem as tradições populares de

resistências a esses processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas.

Para além das discussões de Ginzburg (1987), Hall (2009) considera-se importantíssimo a observação dos fatores e problemas a partir dos quais a “nossa história” e nossos dilemas peculiares surgiram, assim, propõe um estudo dedicado às relações entre as mudanças estruturais de força e poder nos terrenos da cultura.

Não é por acaso que tantas das formas características daquilo que hoje consideramos como cultura popular “tradicional” emergiram sob uma forma especificamente moderna, ou a partir dela, naquele período. O que se havia feito pelos anos 1790 e 1840 e que se estava fazendo pelo século dezoito precisa ser feito radicalmente pelo período que poderíamos chamar de hoje de crise “imperialista social” (HALL, 2009, p.234).

Como o próprio nome do capítulo sugere: “notas sobre a desconstrução do “popular” o autor desconstrói a ideia do popular associado às tradições de classes, autenticidade e autonomia, ideias presentes nas concepções da sociedade”. O mesmo trabalha com periodização. Sobre este viés o popular apresenta contradições logo a partir de sua terminologia, o que possibilita várias interpretações, definições, por isso, neste contexto não incorpora discussões pertinentes e coesas sobre as relações culturais acerca da realidade do poder cultural e da natureza da implantação da cultura.

É pertinente afirmar que a cultura popular está sem dúvida inserida no que chamamos de indústrias culturais, à medida que trava uma batalha constante, irregular e desigual com a cultura dominante, busca organizar o sentido da produção cultural popular, mostra que não é inferior, mas ignora as relações de poder dominante, se mantendo sem os aspectos intrínsecos das relações culturais denominadas dominantes. Somadas a essas discussões podemos adicionar que a cultura popular precisa ser preservada e mantida firmemente no campo dos saberes, pois se organiza como um dos lugares onde ocorrem as lutas a favor e contra a cultura dominante, tida como a cultura dos poderosos.

Para além das compreensões acerca do entendimento sobre o lugar onde a cultura popular está ou dever permanecer, se faz necessário observar

que ela circula em meio às diversas produções culturais, dando sentido e valor ao que entendemos como produção cultural.

2.2 Cultura de Massa

Nessa empreitada da discussão sobre cultura outro conceito relevante é o de cultura de massa. Antes de iniciar a discussão sobre o que seja cultura de massa, é importante compreender que o debate sobre essa modalidade de cultura tem o objetivo de situar o leitor nos mais diversos conceitos acerca da compreensão sobre cultura.

A primeira vista o conceito de cultura é genérico, mas possui desdobramentos a partir da relação que os diferentes sujeitos em sociedade estabelecem e produzem conhecimento. Assim já discutimos sobre cultura erudita, cultura popular.

Nesse momento abordaremos sobre cultura de massa. Não fazemos aqui uma discussão longa e complexa, apenas posicionamos alguns conceitos a partir de alguns estudiosos da cultura. Em nenhum momento os estudiosos concluem uma definição sobre o termo cultura ou os termos culturas, pelo contrário, o debate apresentado proporciona outras discussões, sobretudo, porque a razão de ser da cultura é o humano.

No século XXI a cultura de massa se caracteriza por estar relacionada à organização e produção dos grandes eventos movidos pelo desejo lucrativo dos empresários envolvidos no comércio de entretenimento. Sem dúvida o objetivo principal é proporcionar lazer e diversão, desenvolver o mercado lucrativo de bens de consumo nos mais diversos seguimentos econômicos, tomando a princípio a grande diversidade cultural do nosso país, assim, no mercado da cultura de massa muitos são os setores que a produzem, movimentando em determinadas épocas do ano grande quantidade de

produtos, o que proporciona desenvolvimento econômico seguindo o viés do setor cultural ao modo capitalista.

Para nossa discussão é pertinente distinguir dois grupos que estão interligados a cultura de massa, os produtores e os consumidores da cultura. A cultura de massa está especificamente voltada ao consumismo imposto pela elite, por uma dinâmica que propõe o consumo em grande escala por parte das classes sociais de forma geral. Divulgada pelos diversos meios de comunicação a cultura de massa se apresenta na sociedade pela imposição social econômica industrial que vem de cima para baixo, diferente da cultura popular que é produzida pela classe trabalhadora, está, segue sua linha de produção ascendendo seu lugar gradativamente na esfera cultural com base em seus costumes regionais, tradições, manifestações e crenças que vai de baixo para cima, se caracterizando por não ser imposta por uma elite, nem pelo estado, muito menos pelos meios de comunicação tradicionais (BOSI, 1986).

Alcançando um grande crescimento participativo na contemporaneidade a cultura popular tem se elevado, mesmo assim, não pode ser considerada de massa, pois quem a produz vive junto, e vivência a produção diretamente, esta é uma característica da cultura popular.

Enquanto a cultura de massa segue o pensamento de seus investidores e se apropria de elementos da "cultura popular" para poder elevá-los, transportá-los, adaptá-los a um patamar mais elevado. Economicamente falando, é possível perceber esses acontecimentos quando assistimos aos festivais de quadrilhas juninas na tv. Antes os festejos juninos abrilhantavam as festas nas fazendas, pequenas comunidades e pequenos vilarejos, atualmente as quadrilhas se tornaram em sua maioria uma cultura de massa, apreciadas em grandes festivais.

No entanto é importante observar que ainda existem as quadrilhas juninas do pé da serra, dos terreiros e povoados, isto mostra que: os diversos seguimentos econômicos que dividem socialmente a cultura, não são capazes de separá-las, pois o ser humano que a produz circula pelos mesmos espaços sociais. Os entendimentos divergem em vários momentos, mais todos circulam com base na pluralidade existente na cultura local.

Portanto, se faz necessário compreender que existem diversos conceitos sobre cultura criados para separar os seres que habitam a mesma

sociedade, logo é certo afirmar que, existe o conceito geral de cultura baseado sobre a produção do conhecimento humano e a comunicação por meio de suas capacidades, de aprender, ensinar interagir e reinventar o velho no novo. Sobre essa discussão Bosi (1986) diz que:

Não há criação, não há personalidade, não há, portanto, condições de estilo e de arte quando os produtores aplicam a seus programas alguns padrões rígidos de efeito como únicos critérios a seguir (BOSSI, 1986, p76).

...

A integração da arte e das posições existenciais mais autênticas faz-se, portanto, no plano do efeito publicitário. "Nesse sentido "o kitsch" se identifica com as formas mais vistosas de uma cultura de massa, de uma cultura média e, em geral de uma cultura de consumo" aparentemente, ele põe à disposição os frutos da cultura superior, mas esvaziados da ideologia e da crítica que os animava (BOSI, 1986, p.80).

Analisando as citações acima podemos compreender que a cultura de massa não tem sua origem na vivência cotidiana do homem comum, sua produção é feita para satisfazer exigências do grande público consumidor presente nas classes altas e médias da sociedade, no entanto, a classe trabalhadora não é imune a essa produção, principalmente porque a cultura de massa recorre aos grandes canais de comunicações e alcança os trabalhadores também. Isso faz com que a cultura produzida pelos trabalhadores na sua comunidade fique invisível, pois não consegue competir com a cultura de massa cujo objetivo final é a satisfação da necessidade de diversão de multidões consumidoras.

2.3 O Parafolclore

Outro conceito pertinente para se analisar nesta discussão é o do Parafolclore. O termo "parafolclore", formado pelo prefixo grego para ("perto de", "ao lado de") e **folclore** (cultura popular), foi criado para designar o aproveitamento de produtos da cultura popular pelos meios eruditos, assim afirma o professor e poeta Machado (2015).

O conceito de parafolclore ainda é pouco estudado pela academia, não há muitos trabalhos sobre esse tema, assim, falar deste conceito é desafiador,

no entanto, gratificante. Muitos autores associam a cultura popular ao “folclore” conjunto de tradições, lendas, mitos manifestações populares, provérbios, danças músicas e culinária, costumes que são passados de geração a geração. Nossa maior referência é Luís da Câmara Cascudo, folclorista, maior pesquisador da cultura popular brasileira. Caracterizado especificamente por ser um trabalho realizado em sua maior totalidade pelo profissional da academia de dança, este com formação completa ou cursando, o parafolclore traz o propósito artístico-espetacular, que propõe apresentações em forma de espetáculo. Ressaltando que existem muitos grupos parafolclóricos que seguem fielmente as tradições folclóricas.

Para Machado (2015), os grupos parafolclóricos pesquisam e reelaboram as danças e folguedos folclóricos, adaptando-os, a seu critério, para apresentá-los nos palcos. A dança é artisticamente reinterpretada. O figurino é enriquecido. A coreografia é reelaborada. Modificam-se alguns passos das danças tradicionais, acrescentam-se outros, tudo em conformidade com os efeitos cênicos almejados. O **folclore** “estilizado”. De acordo com Machado (2015) é possível afirmar que:

O parafolclore atua como elemento de ligação entre as práticas culturais tidas como tradicionais, e as consideradas contemporâneas. Entendido como artifício que liga as gerações no campo da cultura, esse conceito se torna mais aceito nas escolas por meio da educação, observando que os grupos parafolclóricos surgem especificamente no ambiente escolar como uma forma de releitura do tradicional com uma visão contemporânea, de modo que as manifestações populares não percam suas “raízes”, e se renovem com elementos do cotidiano da geração que a representa nos palcos. “Os grupos parafolclóricos constituem uma alternativa para a prática de ensino e para a divulgação das tradições folclóricas, tanto para fins educativos como para atendimento a eventos turísticos e culturais” (MACHADO, 2015).

Por participar como músico de grupos parafolclóricos desde 2008, conheço de perto a importância dos grupos parafolclóricos para a sustentabilidade das práticas culturais no século XXI. O parafolclore faz o elo entre o “velho” e o reinventado no campo das manifestações culturais, pois, mesmo reinventados sem seu caráter estético, os folguedos e manifestações permanecem com suas características principais. O parafolclore não atua como

elemento de superioridade da cultura feita pelos trabalhadores, trabalha com o que estar perto, ao lado dessas manifestações, se desenvolvendo em meio à circularidade cultural do século XXI.

Capítulo II

A Manifestação do Boi de Reis, Origem e Difusão

Antes de iniciarmos a discussão sobre esta manifestação vos trago uma concepção da origem do boi de reis. Segundo a Wikipédia, a enciclopédia livre:

O Folguedo Reis de Boi tem sua origem no teatro popular medieval da península ibérica. Trata-se de um auto em homenagem aos Santos Reis, unindo a temática dos reisados ao auto do Bumba-Meu-Boi. Apresenta-se em seis de janeiro, dia de Reis, e se prolonga até três de fevereiro, quando ocorre a festa de São Brás. O número de integrantes varia entre doze e vinte, que formam alas com muitos personagens, dentre eles o Boi, Pai Francisco, Catirina, Doutor, Ema, Vaqueiro e Urubu.

De acordo com Rocha (2014) ao se referir aos estudos formulados por Andrade (1982) traz a afirmação desse autor de que:

O boi constitui-se o bicho nacional por excelência” e inspirou diferentes festas. Sua origem está associada às culturas ibéricas, com a síntese das três matrizes étnicas formadoras do povo brasileiro: portuguesa, africana e indígena, como afirmava: “era comovente observar que apenas três bases étnicas o povo celebra secularmente em suas danças dramáticas (ANDRADE, 1982, Apud ROCHA, 2014).

Recorrendo a Cascudo (1980, 2001) essa autora traz a afirmação desse pesquisador quando se refere ao boi como um animal motivador de festividades populares, em especial nos locais onde a pecuária está presente. Assim era comum:

Às vezes, o boi tornava a escapar e sua fama crescia pela ribeira. Cantadores encarregavam-se de celebrar suas manhas, velocidades e poderio. Outros cantadores levavam cantando esses versos para outras regiões. O boi ficava célebre... O boi de certa forma está inserido no contexto cultural do Brasil e sua figura se apresenta em folguedos folclóricos, canções, literatura de cordel e em outras manifestações com diferentes nomes: Boi-bumbá, Boi-de-Reis, Boi de mamão, Boi-calemba e outros (CASCUDO, 2001 Apud ROCHA 2014).

Em suas pesquisas Cascudo (1988 p.97) registrou uma das primeiras aparições da manifestação de “Grupos de Reis peditórios na Bahia”, tendo como referência as leituras que fez de Nuno Marques Pereira, um historiador do século VXIII:

(...) uma noite dos Santos Reis saíram estes [homens] com vários instrumentos pelas portas dos moradores de uma vila cantando para lhes darem os Reis em prêmio que uns lhes davam dinheiro e outros (CASCUDO, 1988, Apud CARVALHO, 2013, p.30

Na construção da narrativa presente no imaginário dos brincantes do Boi de Reis, acredita-se que este tem sua reprodução atrelada a construção de uma lenda:

Era uma vez um fazendeiro muito rico que tinha um boi muito bonito, o mais lindo de sua fazenda, e certo dia este fazendeiro precisou viajar para passar alguns dias longe de sua fazenda, e de seu boi. Deixou seu vaqueiro “Biríco” encarregado de cuidar de seu animal, Biríco, como era chamado o vaqueiro da fazenda tinha uma mulher, e ela estava grávida, em um de seus desejos de grávida desejou comer a língua do boi, o tão recomendado pelo patrão a seu esposo. Não sabendo o que fazer, o pobre marido ficou em agonia, entre o desejo de sua mulher e a façanha de arrancar a língua do animal. Mais resolve com muito medo ceder ao desejo de sua querida, assim, arranca a língua do boi, sem a língua o animal não se alimenta, logo, não resiste e morre. Dias depois o fazendeiro chega a sua fazenda e pergunta se o vaqueiro cuidou bem do boi que ele lhe deixara na sua responsabilidade. Desconfiado Biríco diz que sim, e imediatamente o fazendeiro pede para ver o animal, o vaqueiro fica embromando, dando desculpas a seu patrão, e não diz onde tá o boi. O fazendeiro se aborrece com as desculpas de seu vaqueiro e diz: ou você mostra meu boi, ou vou lhe castigar, tremendo de medo Biríco conta a história de sua mulher, que grávida esta, e desejou comer a língua daquele boi, e ele assim o fez com medo de sua esposa perder o filho que espera, mais após o boi ter a língua cortada não resistiu e morreu. O fazendeiro fica com muita raiva, furioso e diz ao vaqueiro: pois agora você vai ter que ressuscitar meu

lindo boi. E assim nasce a encenação da venda, morte e ressurreição do boi na manifestação do Boi de Reis. Os personagens desta história são: Mateus, Biríco, Catirina e o Boi

É comum se ouvir está história nas manifestações do Boi de Reis, a ela é atribuída características e elementos que fazem parte do cotidiano local de cada comunidade, como a representação da pega do boi, morte e ressurreição do boi, vida diária dos vaqueiros. Fazendo parte desta construção da história oral, as narrativas ganham mais sentido no momento da apresentação.

Como integramos o grupo Parafolclórico Balé Terras Potiguares - RN tínhamos conhecimento da história do Boi de Reis. No entanto, nunca ouvimos essa narrativa contada pelos brincantes do Boi Caiçara.

No dia 06 de maio de 2018, antes de uma apresentação que o grupo fez na Praça Espaço da Juventude na cidade de Dona Inês – PB, conversamos com alguns brincantes, e eles de forma descontraída contaram à narrativa que existe por trás da manifestação do Boi de Reis.

As apresentações do grupo são realizadas em todo e qualquer espaço e atendem a convite de qualquer pessoa ou instituição. Geralmente o grupo é convidado para brincar, ou seja, se apresentar nos sítios em Dona Inês, e cidades vizinhas etc. Se apresentam de acordo com o convite da população, e fazem sua diversão sempre que possível em casas de amigos, familiares e conhecidos, isso devido ao prazer e satisfação de se divertirem, brincarem e fazer a alegria das pessoas que vos assistem. Ao presenciar uma de suas apresentações foi possível percebermos que o grupo não tem momentos de ensaios, faz parte da essência dos brincantes fazerem aquilo que a alma sente e o corpo apresenta. Para os brincantes não importa a perfeição dos passos, muito menos os movimentos executados no momento da brincadeira, para eles o importante é brincar, se divertir e mostrar sua cultura viva por meio da manifestação do Boi de Reis.

Mesmo sendo uma história onde uma personagem feminina está presente “A Catirina”, como também as damas, a encenação do Boi de Reis é feita exclusivamente por homens no seu sentido comum de ser interpretado no que conhecemos como “tradicional”. As mulheres ao longo do tempo não tiveram grandes participações nas manifestações populares, assim, nas

manifestações onde há personagens femininas, essas personagens são representadas por homens, que se travestem de mulheres.

O Boi de Reis faz parte de um conjunto de manifestações populares do Brasil, representado na cultura popular brasileira, e faz devoção aos Santos Reis. A manifestação existe na região Norte e Nordeste do país com características e particularidades de cada região: o Bumba-meu-Boi no Maranhão e Ceará, Boi-Bumbá no Amazonas, Boi-Calemba no Rio Grande do Norte, Boi de Mamão em Santa Catarina e Reis de Boi no Espírito Santo. A manifestação se apresenta diferente em cada região, segue um conjunto de variedades e expressões particulares, simbologias internas de seus brincantes. Traz em seu interior demonstrações culturais europeias, africanas e indígenas (ROCHA, 2014).

O Reisado se configura como um espetáculo popular, que ocorre nas ruas, como tantas outras manifestações culturais populares brasileiras. As danças, músicas e personagens que compõem o reisado comemoram e celebram o natal e os reis magos. O palco desse espetáculo é a rua, o espaço público, que, de certa forma, se transforma em um espaço educativo onde se afirmam identidades, memória, ludicidade, fé e resistência (CARVALHO, 2013, p.30)

As manifestações dos reis e reisados, portanto, começam no período do Natal, se estendem até o dia seis de janeiro, que no calendário religioso católico é consagrado aos Santos Reis. Nesse dia, entre as muitas ações e ritos, que integram o reisado, como música, canto e apresentações do boi de reis, reza-se a ladainha de santos reis. É sempre uma celebração de rara beleza de nossa cultura popular, em que se misturam elementos da fé, da religiosidade e do profano (CARVALHO, 2013, p.31).

3.1 – METODOLOGIA

Para realização deste trabalho realizamos entrevista semiestruturadas, depoimentos e narrativas dos brincantes, das quais colhemos informações sobre a história da manifestação popular do Boi de Reis da Caiçara, como também os fatores que contribuem para sua permanência até os dias atuais.

Assim buscamos analisar questões relativas a essa manifestação, sua importância na construção dos valores históricos e sociais da região.

Também utilizamos um vídeo referente a uma apresentação do Boi de Reis da Caiçara em praça pública, ou seja, no “Espaço da Juventude em Dona Inês-PB em maio de 2018. Nesse vídeo está registrado um pouco da vivência do grupo. O uso do vídeo como fonte de pesquisa exige certo rigor do pesquisador, sobretudo, porque certamente está impregnada pela história pessoal de quem o gravou. A entrevista foi a fonte mais consistente, e foi realizada em diversos espaços onde os entrevistados residem, tais como zona rural ou urbana da cidade de Dona Inês – PB.

Para além das entrevistas com os participantes do Boi de Reis, recorreremos também a monografias, artigos e livros de autores que trabalham com essa manifestação ou discutem os conceitos de cultura e resistência, cultura e memória, tradição e transformação da cultura, Boi de Reis e cultura popular.

As entrevistas consistiram em perguntas. Logo, tiveram o objetivo de colher informações. Portanto, a partir de todos os dados coletados compreendemos e analisamos as narrativas e depoimentos, para assim, caracterizar a pesquisa como qualitativa.

3.2 – A Cidade de Dona Inês – PB e suas Manifestações Culturais

Dona Inês fica no Estado da Paraíba, está localizada na região geográfica imediata de Guarabira. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2006 sua população era estimada em 11.400 habitantes. Área territorial de 132 km². Até 15 de novembro de 1959 era distrito do município de Bananeiras.

A cidade está inserida na unidade geoambiental dos Serrotes, Inselbergues e Maciços Residuais. As altitudes variam de 200 a 500 metros, com a presença de grandes penhascos rochosos. Está incluída na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005. Esta delimitação tem como critérios o índice pluviométrico, o índice de aridez e o risco de seca. O clima é quente, com

período chuvoso entre fevereiro e agosto. A pluviosidade média é cerca de 750 mm.

A vegetação nativa consiste de caatinga hipoxerófila, com algumas áreas de floresta caducifolia. Está inserido na bacia hidrográfica do Rio Curimataú. Os principais tributários são o Rio Curimataú e o Riacho da Vaca Morta, todos de regime intermitente.

Figura 1 – Localização Geográfica de Dona Inês/PB



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dona_In%C3%AAs Acesso em 04/05/2019.

A cidade é rica em manifestações culturais, podemos tomar como exemplo a manifestação do Boi de Reis, da Lapinha, do Pastoril, as Queimagens de flores, as Vaquejadas, as Cavalgadas, as Quadrilhas juninas entre outras; todas essas manifestações estão relacionadas ao espaço do Município.

O espaço onde se constrói uma cidade nos convida para o reconhecimento de um espectro infinito de determinações/relações. É nesse plano intrincado que homens, mulheres, crianças, velhos e velhas estabelecem, projetam, realizam suas vidas. O que trazem, o que inventam, o que transformam está além de qualquer possibilidade positiva de determinação. No entanto, estabelecer, associar processos instituindo matizes explicativos é o fazer próprio da condição de cidadania nos estertores do século XX (MONTENEGRO, 2013, p.9).

Atualmente nem todas são apreciadas pela população, algumas já foram esquecidas com o passar do tempo, no entanto, outras ainda vivem no

cotidiano da população que ao longo do tempo as mantém de forma natural, à medida que as praticam. Uma das manifestações que ainda resiste ao tempo e ao avanço da tecnologia é o Boi de Reis, cujas raízes estão no Sítio Caiçara, uma evidencia de que a humanidade caminha sob a projeção das experiências vividas ao longo do tempo pelos seus antepassados.

3.3 – O Boi de Reis do Sítio Caiçara

O Sítio Caiçara fica a aproximadamente 12 km da área central da cidade de Dona Inês, composto por uma população de duzentas e treze pessoas (213). Segundo a ACS Simone Freire, em sua maioria sobrevivem com a ajuda do bolsa família¹ e uma atividade extra desenvolvida na agricultura familiar, como a plantação de tomate próxima a barragem da jandaia. Esta comunidade é privilegiada quando se trata de manifestação popular, pois nela surgiu uma das mais belas manifestações populares da cultura local “O Boi de Reis da Caiçara”.

Antes de iniciar queremos ressaltar que não foi fácil conseguir as entrevistas, pois os brincantes vivem um processo constante de rejeição a cultura local, não se sabe ao certo o motivo, acredita-se segundo relatos dos brincantes “Contra mestre e Galante” que a falta de apoio pelo poder público seja um dos fatores, assim como também a falta de interesse da nova geração pelo folguedo do Boi de Reis. Para além dessas dificuldades ainda tem o fato de os brincantes não viverem mais no local de origem da manifestação, são poucos os que ainda residem na Caiçara, atualmente os participantes moram distantes uns dos outros. Acerca destas afirmações não se sabe o real motivo pelo qual os brincantes resistem em falar sobre a cultura que fazem. Sobre este problema que enfrentamos e outros, Sharp (1992) afirma.

¹ O bolsa família é um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país, de modo que consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. O programa busca garantir a essas famílias o direito a alimentação e o acesso á educação e á saúde. O programa foi criado em outubro de 2003, está previsto em lei – Lei Federal nº 10.836, de janeiro de 2004 – e é regulamentado pelo decreto nº 5.209, de 17 de setembro de 2004.

Mais o historiador oral tem problemas óbvios ao tratar com pessoas que morreram antes de serem gravadas ou cuja memória foi perdida por seus sucessores, e o tipo de testemunho direto que pode obter é negado aos historiadores dos períodos mais antigos. Ao contrário, como sugerimos, existem fontes que permitem ao historiadores de tais períodos chegarem mais perto das experiências das pessoas das classes inferiores (SHARP, 1992, p.49).

A história das manifestações culturais das classes trabalhadoras na zona rural apresentam sempre lacunas, pois trabalhar com memória e história oral se torna um tanto quanto difícil quando as pessoas donas dessas memórias já não as lembram.

Para melhor conhecer o início desta manifestação entrevistamos três dos brincantes do Boi de Reis, “o Contra Mestre, um Galante e o Sanfoneiro”, a escolha destes integrantes se deu pelo fato do Contra mestre ser um dos brincantes que mais conhece e se dispôs a falar sobre a história do Boi de Reis, o Galante por ser um dos mais jovens participantes, e por integrar a segunda geração do grupo, e o Sanfoneiro por ser o representante do conjunto musical do folgado.

O Senhor “João Homem”, filho de seu “Zé Homem”, iniciador da manifestação na comunidade. João Homem, como é conhecido o contra mestre do boi de reis atualmente, em entrevista contou que toda a tradição do Boi de Reis da Caiçara começou com seu pai, conhecido por “Zé Homem”. Disse que certa vez presenciou uma apresentação do Boi de Reis do Rio Grande Norte, que se apresentava ali por perto na região, e ao ver tanta animação e alegria em uma apresentação decidiu junto com os seus irmãos também fazer um boi para poderem brincar e se divertirem. Na entrevista Seu João Homem nos disse:

Meu pai juntamente com os irmãos dele, meus tios, decidiu fazer um Boi de Reis depois de ver o Boi do Rio Grande do Norte, após presenciarem a brincadeira do Boi de Reis resolveram fazer igual. Construíram todo figurino, as roupas e as coisas dos demais personagens que também fazia parte do Boi, como o urso, o bode e a Carinheta, todos por conta própria, pois além do boi tinha outros bichos na manifestação. A primeira brincadeira “formação” tinha umas treze pessoas “participantes”, entre mascarados, galantes, damas, mestre, boi, o bode, a Carinheta e os tocadores. As cantigas, as músicas da época, do tempo do meu pai eram diferentes, disse

ele, e afirmou o seguinte: [...] mesmo sendo pequeno ainda lembro, as músicas, nera do jeito das de hoje não, e tinha outros animais "personagens" que fazia parte da brincadeira do Boi de Reis, a exemplo do bode, do urso e da Carinheta.

É comum existir um processo de adaptação dos seres que produzem a "cultura popular", as manifestações culturais se desenvolvem de acordo com os espaços físicos e as relações de convivência entre os diversos grupos, sendo assim:

Essa diversidade, que se desenvolve em processos históricos múltiplos, é o lugar privilegiado da "cultura" uma vez que, sendo em grande medida arbitrária, e convencional, ela constitui os diversos núcleos de identidade dos vários agrupamentos humanos, ao mesmo tempo que os diferencia um dos outros. Pertencer a um grupo social implica, basicamente, em compartilhar um modo específico de comporta-se em relação aos outros homens e á natureza. (ARANTES, 2004, p,26).

Perguntado como ele iniciou na brincadeira do boi de Reis, seu João logo respondeu:

[...] "eu via meu pai e meus tios brincando, eu achava bonito, logo cedo meu pai ensinou a nós, "aos filhos" a brincar o Boi de Reis, para assim poder brincar junto com ele, iniciamos como "damas" na brincadeira, pois éramos pequenos. Se era uma intensão de manter viva a cultura e a tradição na família não se sabe, o que se sabe é que até hoje graças aos ensinamentos de seu pai, seu João brinca o boi de Reis".

Outro brincante entrevistado foi Seu Paulo, atual sanfoneiro do grupo, Brinca Boi de Reis a mais de vinte anos, mais desde cedo acompanhou a história dessa manifestação, suas narrativas mostram como era as apresentações, e onde o boi costumava se apresentar.

Seu "Zé Homem" gostava muito de brincar o rezo, brincou por muito tempo, ele os irmãos dele, e também os amigos que moravam aqui por perto, era na faixa de uns treze homens. No Boi a pessoa começa a brincar como dama, depois passa pra galante, e depois para mestre, os mascarados, o boi e os ouros animais o mestre escolhe que vai ser, é assim que se brinca o Boi de Reis. Naquele tempo as coisas eram muito difíceis, eles brincavam em toda região, em todo canto aqui pela redondeza, sitio Brejinho, Zé Paz, Cozinha, Várzea Grande, Queimadas, Serra do Sitio, Riachão, Bilinguin, entre ouros. Todos estes lugares eles iam a pé, porque não tinham transporte naquele tempo, levavam o Boi na cabeça, e algumas vezes pagavam

para alguém levar, mais sempre brincavam nesses lugares. Por muito tempo essa brincadeira aconteceu na nossa região, mais ninguém registrou, não tinha ninguém pra tirar foto, aí à história ficou só com a gente que sabíamos a convivência deles. Era bonito ver a animação na brincadeira do Boi de Reis, quando as pessoas sabiam que ia ter a brincadeira perto da sua casa, vinha gente de todo canto pra ver. Eles saiam a pé do sítio Caiçara até o lugar de brincar, brincavam porque gostavam, não faziam por dinheiro, pois o que ganhavam era muito pouco e quando dividiam pra doze, treze pessoas ficava quase nada. Por muito tempo mantiveram a manifestação do Boi de Reis viva na região. O tempo foi passando e seu "Zé Homem" e os brincantes mais velhos Deus mandou chamar, e depois disso a cultura se apagou, passou por um longo período de esquecimento, os brincantes mais jovens mesmo sabendo brincar não quiseram ficar brincando, nem mesmo os filhos de seu "Zé Homem", por muito tempo a brincadeira ficou parada.

Ainda em seu relato seu Zé Paulo contou que certa vez conversando com a esposa de seu João Homem, ela relatou que achava seu marido "João Homem" muito fraco para o lado da cultura. Segundo ela se tivesse um pai que gostasse da cultura como seu "Zé Homem" gostava, ela não tinha deixado a cultura morrer não, teria seguido em frente, ganhando alguma coisa ou não ela estaria fazendo a alegria do povo. Sobre essa afirmação – Seu Zé Paulo disse: "É comadre, falta um interesse dele".

Em outro momento Seu João Homem em conversa com Seu Zé Paulo disse:

- "Oh Zé Paulo, tu tem coragem de ajeitar pra nós brincar o boi de reis?"

Seu Zé Paulo respondeu:

- É João, vamos ver se dá certo. Eu ali já dentro da igreja no Mari tocando uns cantos na missa, nas celebrações mais meu neto.

Sobre essa possibilidade Seu Zé Fulô disse:

- Zé Paulo, vou ajeitar uma boca de noite pra tu vim fazer uma apresentação aqui, porque todo domingo tu tá aqui nas celebrações. Onde se reza o noitário de Nossa Senhora do Rosário, entre três a quatro noites.

Sobre brincar no noitário do Rosário, Seu Zé Paulo disse:

- E em uma dessas noites ele colocou eu para se apresentar. Me veio na mente a história do "rezo" Boi de Reis, aí pensei: vou chamar comadre Lídia "uma das irmãs de seu Zé Homem"

para fazer uns aboios aqui e bater um baião na frente da igreja. As pessoas pensavam que ia ter apresentação do Boi de Reis, e deu muita gente pra ver, porém era apenas dona Lídia Telo aboiando e batendo baião. Depois desse dia nós nos reunimos e começamos a brincar o boi de Reis.



Figura 2 – Seu Zé Paulo tocando sanfona em uma apresentação na praça: Espaço da Juventude em 06 de maio de 2018 – Dona Inês - PB
Fonte: Acervo de Ge ge Carsan

Após o falecimento de seu pai “Zé Homem”, e conseqüentemente dos seus tios, João Homem e seus irmãos seriam a próxima geração encarregada de dar continuidade à tradição do Boi de Reis na região onde moravam. Segundo esse Senhor (João Homem):

As pessoas pediam para que eles fizessem apresentações, e pediam também para que eles não deixassem a cultura morrer, esta que era tão bonita.

Estes relatos são referências do início da manifestação do Boi de Reis, de acordo com as narrativas revisitadas da memória de dois brincantes. Sobre o processo de narrativas recai uma observação pertinente. Quando se refere ao papel dos narradores, (BENJAMIN 1987, p.198), afirma que:

{...} são cada vez mais raras as pessoas que sabem narra devidamente. Quando se pede a um grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

A memória atua como fonte viva de pesquisa e reinvenção das tradições populares, e por meio delas conseguimos acessar milhares de informações em um curto espaço de tempo. As inúmeras transformações, em especial no meio cultural nos leva a refletir sobre as mudanças nos hábitos e costumes da sociedade atual, a fonte oral nos permite dialogar com o tempo. “A história oral [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história de um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON,1992, p.22).

O grupo por muito tempo viveu sem saber a origem da manifestação, sem ter conhecimento da ligação entre a brincadeira e a louvação aos santos Reis, esta informação lhes foi apresentada pelo Pe. Welvo Miguel, que em um momento de apresentação do folguedo no pátio da igreja matriz da cidade de Dona Inês, explicou a relação entre o folguedo e a louvação aos Santos Reis.

O folguedo não atua especificamente com fins lucrativos, suas apresentações são feitas de forma casual sem programação específica, eles se apresentam quando as pessoas e/ou comunidades fazem o convite, o que na linguagem coloquial eles dizem, “pedem uma apresentação do Boi de Reis” e como contribuições oferecem uma pequena quantia para ajudar nas despesas de deslocamento, sabendo que faz parte da brincadeira um momento em que se faz uma cobrança, e arrecada um valor simbólico na apresentação. A contribuição é livre, as pessoas que estão assistindo podem contribuir ou não com o valor que desejarem.

No entanto, espera-se muito mais que a contribuição simbólica, uma vez que o Boi de Reis é patrimônio cultural, como fazer com que a comunidade entenda e valorize esta manifestação, de modo que permaneça promissora, ativa e assim continue mostrando sua importância na construção da história e da cultura brasileira, como também, na construção do espaço sócio comunicativo e de diversão coletivas entre pessoas da comunidade e personagens do grupo. Se é costume dos/as moradores/as da zona rural de

Dona Inês chamar o Boi para brincar no terreiro de suas casas, acreditamos que eles respeitam e valorizam essa manifestação como importante na vida das comunidades e dos brincantes, pois tem relação com suas histórias. Talvez esse aspecto é o que faz com que o Boi de Reis da Caiçara resista e se mantenha como patrimônio cultural da Comunidade de Caiçara, que luta para manter viva as tradições e manifestações do boi, e assim resiste ao processo de esquecimento da sociedade e dos poderes públicos locais.

No atual momento o grupo enfrenta dificuldades para fazer suas apresentações, a começar pela diminuição dos convites que antes eram feitos com frequência, e agora são poucos, quase nenhum, e quando são convidados a locomoção se torna um obstáculo, pois o grupo chega a quase 15 pessoas, logo o transporte fica caro para se alugar. O grupo não tem vínculos com o poder público, logo não recebe ajuda financeira para custear as despesas. Por ser um grupo unido, muitas vezes os brincantes conseguem alugar um transporte, outras vezes não, a união é sem dúvida o motivo principal que faz com que o grupo se mantenha na contemporaneidade.

Na sua formação recente o grupo tem se apresentado com os seguintes personagens: Mestre, Contra Mestre, quatro Galantes, duas Damas, o Biríco, o Mateus, a Catirina, o Boi, um Tocador de sanfona, um Tocador de pandeiro e um Tocador de triângulo. Diferente da primeira geração, nessa não há os personagens animais, a exemplo da Carinheta e o bode. Segundo um dos brincantes atualmente não tem pessoas dispostas a vivenciarem os personagens.

Na encenação da narrativa da Morte e Ressurreição do Boi, o Mestre é o dono da brincadeira, é também o cantador e quem direciona os textos falados durante a brincadeira e as loas, ou seja, as cantigas, e os refrãos que são respondidos pelos galantes. A seguir vos apresento uma imagem do Mestre do Boi de Reis da Caiçara em uma de suas apresentações na Praça Espaço da Juventude na cidade de Dona Inês – PB.



Figura 3- Antônio "Home" Mestre do Boi de Reis da Caiçara, apresentação na praça: Espaço da juventude zona urbana e, 06 de maio de 2018
Fonte: Acervo de Ge ge Carsan – Dona Inês - PB

O vaqueiro é o interlocutor da brincadeira, ele reproduz as loas e textos produzidos pelo Mestre e dialoga com o patrão. Dentro do ritual de apresentação do Boi de Rei, o vaqueiro é o Biríco, ele conduz a venda, a morte e ressurreição do boi, além de fazer citações referente ao cotidiano da comunidade e seus moradores/as. O Vaqueiro participa também como personagem de descontração do público ao lado da Catirina e do Mateus.

A Catirina é a mulher do vaqueiro "Biríco", a personagem feminina é representada por um homem vestido de mulher, com vestido ou saia rodada, com o rosto todo pintado de tinta. Possui um aspecto grotesco, engraçado, e sua função é convidar as pessoas da plateia para dançar, ela ainda faz a cobrança simbólica durante a encenação da narrativa. O valor é simbólico, cada pessoa contribui com o que pode, tem e quer. Ninguém é obrigado a pagar para assistir à apresentação do Boi de Reis, que oferece alegria e descontração a quem assiste. A Catirina é representada neste folguedo pelo senhor Joaquin Telo, com 93 anos brinca, dança, se diverte e diverte a quem o assiste. Para melhor apresentar este senhor vos apresento:



Figura 4- Joaquin Telo em seu personagem "Catirina"
Apresentação na praça: Espaço da juventude em 06 de maio
de 2018

Fonte: Acervo de Ge ge Carsan – Dona Inês - PB

O boi é o animal principal da brincadeira, toda encenação acontece em função deste animal, principal protagonista da narrativa encenada. O boi é confeccionado com material leve, sua estrutura é sustentada por madeira, e o corpo é coberto por tecido de chita e muito florido. Por ser feito de material leve facilita o transporte e também a mobilidade durante a apresentação. É comum a presença de outros animais no ritual do Boi de Reis, a exemplo da Carinheta, do Bode, Do Jaraguá, e da Burrinha, no entanto, apenas o boi faz parte da manifestação do Boi de Reis da Caiçara.

As vestimentas, dos brincantes como os "galantes e damas" são uma calça vermelha e uma camisa branca, coberta por uma pala de cetim revestida de fitas coloridas e lantejoulas, em suas cabeças usam um capacete colorido e cheio de espelhos. Os músicos vestem roupas comuns, calças jeans, camisas de algodão xadrez com estampas diversas. O Mateus e o Vaqueiro "Birico" vestem uma calça jeans, uma camisa xadrez, uma bota de couro, um chapéu de couro e tem como adereços em sua vestimenta: canecas, chocalhos e um chicote, e em seu rosto uma máscara feita de couro de bode, que cobre todo o rosto, ficam apenas buracos na altura dos olhos para poder enxergar. O terreiro onde ocorriam as apresentações era iluminado a luz de gás, porém devido à idade dos brincantes em sua maioria idosos se retirou para que não acontecesse acidentes por consequência do fogo da lamparina.

Como vimos na imagem acima a Catirina veste um vestido florido com muitos adereços femininos e traz um cachimbo na mão. Assim, as vestimentas dos músicos, do vaqueiro, da Catirina e do Mateus possuem uma maior variedade, as dos demais brincantes são iguais.



Figura 5- Músicos, Mateus e Galantes
Apresentação na praça: Espaço da juventude Dona Inês
Fonte: Ge Ge Carsan – Dona Inês - PB

As músicas são cantorias que fazem referências a vida cotidiana da comunidade, a devoção aos Santos Reis, por meio de chulas, versos e loas. Existem músicas específicas para cada momento da apresentação, cantadas pelo mestre e contra mestre e respondidas pelos galantes e demais personagens da manifestação. Com o tocar das músicas é possível perceber a movimentação dos brincantes em um contínuo movimento circular, em um fluxo rotativo que varia de velocidades. A esse respeito Cascudo (1980, p.47) afirma que: há “influência das danças indígenas no século XVI sendo danças “sem ligação individual, em círculos que se deslocam da esquerda para direita”.

O ritual de apresentação do Boi de Reis da Caiçara acontece da seguinte maneira: tudo começa com os aboios, eles anunciam a brincadeira, enquanto os brincantes se organizam. Dona Lídia Telo juntamente com Vitor Mateus fazem um momento de chamada para a brincadeira começar, de maneira improvisada cantam os aboios, ou seja, versos cuja característica é a

forma como o vaqueiro aboia o gado. “Êêêê ôu ôu ôu boi pintadinho, êêêê ôu ôu ôu boi mandingueiro, êêêê ôu ôu ôu meu boi”.

Após este momento se diz um verso, uma toada, existe vários versos, no entanto, este foi o escolhido:

Avistei a casa santa, aonde Deus fez a morada...
Aonde está o cáli bento, e a hóstia consagrada...
A hóstia consagrada, é fio da virgem Maria
Viva o dono dessa casa com toda sua família.

Neste momento a brincadeira se inicia com a música “Na chegada dessa casa”, momento em que o grupo pede licença ao dono da casa para poder brincar.

Na chegada dessa casa
Na chegada dessa casa
Levantei nossa bandeira (2X)
Viva a honra desta casa
E a polícia brasileira (2X)

A música “Masseira” é tida como a segunda na brincadeira, ela faz referência a labuta cotidiana da comunidade, a vida, o trabalho diário, assim como a música “Elena”

Massêra

Massera minha massera
Massera das alegrias (2X)
Os anjos do céu tem pena
De me ver na padaria (2X)
Ai joventina, mulher de juvená
É hora de tirar leite que o bezerro quer mamar
Balança que pesa ouro
Não pesa todo metá (2X)
Ô papai, ô mamãe, ô titia
Ai que dô nas cadêras de Maria ai, ai, ai, ai.

Elena

Aí Elena, tu não vai te arrepender

Sustenta tua palavra quem te ama que morrer (2 vezes)
 Oii menina suco de maracujá
 Moça feia só namora quando a bonita não tá
 Aí Elena, tu não vai te arrepender
 Sustenta tua palavra quem te ama que morrer (2 vezes)

A vida pior do mundo é melhor do que morrer (2 vez)
 Canta canta canarinho na foia da bananeira
 Canta pras mulher casada e também pras mulher soleira
 Aí Elena, tu não vai te arrepender
 Sustenta tua palavra quem te ama que morrer (2 vezes)

Um dos momentos que chama bastante atenção para a dança dos galantes é quando eles dançam o "corta pau", passo que demonstra agilidade e velocidade dos galantes, e a música é tocada em uma velocidade mais rápida para este momento.

Corta o pau

Corta o pau meu nego é pra cortar (2 vezes)
 Esse pau é duro é jatobá
 Corta o pau meu nego cortadin (2 vezes)
 Esse pau é duro é birití

No momento da chamada do boi, hora do protagonista principal da brincadeira se canta as seguintes músicas:

Ê Boi

Ê boi, ê boi, ê boi do Mangangá (2vezes)
 Quem não tem chocolateira, não toma café nem chá (2vezes)
 Ê boi, ê boi, ê boi do Ceará (2 vezes)
 Mulher segura o menino, que agora eu dançar (2 vezes)
 Ê boi, ê boi, ê boi do Piauí (2 vezes)
 Quem não dançar esse boi, não pode sair daqui (2 vezes)
 Ê boi, ê boi, ê boi do Macapá (2 vezes)
 Quem ta dançando esse boi povo do lugar (2 vezes)

Pastorzinho

Pastorzinho o mano ê (2X)
 Que que estas fazendo (2X)
 Pastorando o gado (2X)
 Que ele está bebendo (2X)
 Valei-me Jesus, com todo prazer
 Guardai nossas almas

Quando nós morrer (2X)
 Êi corta meu garrote, êi lá barrigudinho
 Êi, a onde tu se esconde, êi meu boi
 Onde é tua morada, êi meu boi

Antes da venda boi se canta:

Meu boi

Meu boi bonito
 Meu boi corajoso
 Fazei uma venda pra todo esse povo
 Êêê, faça meu boi

Meu boi bonito, meu boi do sertão
 Uma venda bem feita de ponta virada e de lombo no chão
 Êêê Êêê , faça meu boi.



Figura 6- Momento da chegada e a brincadeira da venda do boi
 Apresentação na praça: Espaço da juventude em 06 de maio de 2018 – Dona Inês- PB
 Fonte: Ge Ge Carsan – Dona Inês - PB

No momento da música o boi já está no meio da brincadeira, já tem entrado por traz do público, de modo faceiro, devagar fazendo seu papel, de um lado para o outro, andando fazendo movimentos circulares e interagindo com as pessoas a sua volta, ele é conduzido todo tempo pelo vaqueiro que tem a responsabilidade de mantê-lo sempre ali, ativo e descontraído para o momento da venda.

A primeira venda é sempre para o dono da casa, depois para os conhecidos e para todo público, e assim segue até o momento que não tiver mais pessoas para se oferecer a venda do boi, esta venda é conduzida por

músicas em forma de versos e motes para cada comprador, que paga um valor simbólico pela compra do boi.

Para finalizar a brincadeira se canta a seguinte música:

Despedida

Despedida, despedida, quem se despede sou eu (2x)
Viva a damas e galantes, Mestre, Biríco e Mateus (2X)

Na apresentação do Boi da Caiçara as personagens da Catirina, do Biríco e do Mateus brincam durante toda a apresentação interagindo com o público, este é um dos motivos de não se ter músicas específicas para o momento de interação dos personagens durante a brincadeira, o objetivo principal dos personagens é fazer o público sorrir, se divertir e gostar da brincadeira.

Assim se dá a apresentação do Boi de Reis da Caiçara, com naturalidade, em sua essência popular, que encanta o público com sua própria linguagem e pontos de confluências nas formas de se apresentar e se mover, cantar, se vestir e encenar seu folguedo. Em sua mais recente formação brincavam: O “mestre” Antônio “homem”, o “contra mestre” João “homem”, os “galantes” Josa “homem”, Zezinho do peixe, Vitor Mateus, Lídia Telo, as “damas” Robson e Zezinho, a “catirina” Joaquin Telo, o “Mateus” Antônio de Zacarias, o “Biríco” Zezinho “homem” o sanfoneiro Zé Paulo, o tocador de Pandeiro Zezinho Lino, e no triangulo seu Antônio.

Considerações Finais

O Boi de Reis da Caiçara é uma manifestação viva na cultura da cidade de Dona Inês – PB, que resiste ao tempo. Na sua segunda geração mostra a riqueza da cultura brasileira, e conta a vivência dos seus antepassados por meio desse folguedo. É um importante meio de devoção aos Santos Reis, de devoção religiosa, de influência católica que mescla elementos do cotidiano. Assim, também é uma obra viva patrimônio material e imaterial da cultura, que traz elementos do cotidiano, inventados e reinventados pelos brincantes da comunidade.

O folguedo representa a história de resistência cultural da comunidade, que luta para manter as suas tradições e manifestações. Por isso, resiste ao processo de esquecimento da sociedade e dos poderes públicos locais. Faz-se necessário entender e valorizar esta manifestação, para que permaneça promissora e ativa, e assim, continue mostrando sua importância na construção histórica da cultura brasileira, como também, na construção do espaço sócio comunicativo e de diversão coletiva entre pessoas da comunidade e personagens do grupo.

“Outrora” onde se tinha momentos específicos para apresentações culturais como: quadrilhas juninas no São João, Boi de Reis do mês de novembro ao mês de fevereiro, na contemporaneidade essas manifestações não seguem um calendário específico para apresentações, muito embora ainda se tenha apresentações em determinadas épocas do ano.

Os festivais de cultura que acontecem em várias épocas do ano quebraram com a dinâmica temporal de apresentações, e impuseram as manifestações um calendário de apresentações variável e livre para todas as épocas do ano. De forma positiva a contemporaneidade revela um processo criativo e importante para a valorização das manifestações feitas pelas pessoas rotuladas pelos moldes do capital como comuns.

Assim compreendemos o Boi de Reis da Caiçara como uma manifestação da cultura local que resiste ao tempo pelo fato da sua história está relacionada diretamente com núcleo familiar dos brincantes, atrelado ao fazer da brincadeira com o objetivo de brincar, se divertir e divertir se alegrar e

alegrar a vida das pessoas que os assistem. Não se encaixando por tanto ao modelo de cultura enviesada aos padrões da cultura capitalista.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2004. - (Coleção Primeiros Passos-36).

BENJAMIN, W. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular**. Leituras de operários. Petrópolis: Vozes, 1986. 192 p. (Coleção Meios de comunicação Social, 6. Serie pesquisa, 1).

BHABHA, Homi k. **O local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glacia Renate Gonçalves. – Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. 394 p. Coleção Humanistas.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CARVALHO, Ana Maria Sena de. **Os Reis e os Reisados do Município de Carinhanha-Ba**. Memória e Identidade Cultural: construção, sentido e significado. Brasília. DF. Faculdade de Educação: UNB, 2013.

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Tradução. Maria Betânia Amoroso. Tradução dos poemas José Paulo Paes. – São Paulo. Companhia das Letras, 2006.

HALL, Stuart. **Notas Sobre a Desconstrução do "popular"**. In: _____ **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MACHADO, Abílio. **Parafolclore e grupos parafolclóricos**. In. <http://poethaabiliomachado.blogspot.com/2015/09/parafolclore-e-grupos-parafolcloricos.html?m=1>. Acessado em 04/05/2019.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2013.

ROCHA, Gisele Lourençato Faleiro da e ABREU, José Roberto Gonçalves de. **Reis de Boi: tempo de festa**. In. **Revista Scientiarum História**. Vol. VII, 2014

SHARP, Jim. A história vista de Baixo. In. BURKE, Peter. **A Escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

THOMPSON, Paul. 1992) **A Voz do Passado**: História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Pesquisa: Boi de Reis: Resistência, história e cultura na cidade de Dona Inês (Sítio Caiçara)

Pesquisador: Francisco Cunha Rodrigues.

Professor Dr. Orientador: Waldeci Ferreira Chagas.

Questionário sobre a manifestação.

Nome: _____ Idade: _____

Apreciador () Brincante ()

1. Você tem conhecimento de como e quando essa manifestação cultural chegou ao Sítio Caiçara (Dona Inês/PB)?
2. Quanto tempo faz que você participa do Boi de Reis? e qual é seu personagem, sua função?
3. Onde e como se davam as apresentações e em que período do ano?
4. Como eram as vestimentas e adereços do grupo? Havia aparatos como som e microfone?
5. Como acontecia o deslocamento do grupo até os lugares de apresentação?
6. As canções eram entoadas ao vivo ou por meio de gravações? Se ao vivo, que tipo de instrumentos eram utilizados?
7. Em sua opinião o que mantém o grupo atuante até os dias atuais?
8. Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo no século XXI?
9. O boi de Reis se comparado ao dos anos 1930 é mesmo em suas características principais?
10. Qual a importância desta manifestação para sua vida e ao mesmo tempo para nossa cidade?

